

O FEMININO ULTRAJADO: PROXIMIDADES ENTRE LA MALINCHE MEXICANA E A ÍNDIA JAÍRA BRASILEIRA

Maria Talita Rabelo Pinheiro¹
Nerivaldo Alves Araújo²

Resumo: O presente artigo propõe uma análise comparativa da narrativa que envolve a lenda mexicana *La Llorona* representada pela *Malinche*, uma representação feminina latino-americana, especialmente do México, com a narrativa brasileira de Câmara Cascudo (2003), a lenda de Itararé. Neles aparecem um fantasma de uma mulher de branco, chorosa, em pena, presente nos lagos, rios, nascentes ou encruzilhadas. Tal aproximação se faz com suportes teóricos que visam essa influência entre as culturas através dessas lendas, de uma forma histórica e identitária, levando em conta o poder de representação na construção da memória entre as narrativas mexicana com a brasileira. A força dessas histórias ultrapassou as fronteiras, desbravando as origens de comportamentos individuais, sociais e históricos e suas proliferações, levantando questões sobre o seu poder de representação e atualização do mito. Com uma pesquisa qualitativa, realizou-se um recorte priorizando os aspectos temáticos com recursos que pudessem fornecer informações pertinentes para o tema e seus eixos como a análise das narrativas, suas influências no aspecto social e representativo.

Palavras-chave: O feminino. Proximidades. Representações. *Malinche*. Jaíra.

Estabelecer elementos comparativos entre o Brasil com os demais países da América Latina, em específico o México, sempre representa um desafio, na medida em que a história de cada país latino-americano caminha paralelamente, no entanto, pode-se destacar algumas características históricas e culturais que os conectam. Ambos fazem parte da América Latina, que recebe esse nome, pois são países que têm como língua oficial idiomas que derivam do latim. O México foi dominado pela colônia espanhola, por isso seu idioma, assim como a maioria dos países da América Latina têm o castelhano/espanhol como idioma oficial, já o Brasil foi dominado pela colônia portuguesa, sendo o seu idioma português.

Averigua-se pelos relatos históricos, que diversos processos de colonização na América Latina foram projetos de expansão marítima e comercial, gerando grandes lucros à Europa com o benefício da conquista da terra e dos bens materiais, os quais

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB/DCH I).
(talitarabelo27@gmail.com)

² Orientador (Doutor)- Professor Assistente do DCH - Campus I - UNEB - Salvador - Bahia. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB/DCH I).
(neriaraujo@hotmail.com)

foram favorecidos por relações de poder e barbárie, recebendo apoio de um imperialismo religioso cristão que dava poder aos colonizadores de dominação dos povos “infiéis” em nome de Deus. Notadamente os dois países, Brasil e México, possuem um passado colonial em comum, foram colônias de exploração e essas nações serviram às suas metrópoles e tiveram suas economias voltadas à exportação, fazendo com que não construíssem um mercado interno consolidado, causando prejuízos que duram até os dias atuais.

Os países da América Latina, com ênfase no Brasil e México, são países autóctones, ou seja, têm culturas indígenas desde antes da chegada dos colonizadores, estes vindos de países europeus, Portugal e Espanha respectivamente, católicos, patriarcais, que no século XVI eram regidos por monarquias, todas essas características fundamentais influenciaram na formação cultural da memória e identidade dessas nações e de suas narrativas, fazendo com que esses países impusessem suas tradições para os povos que sobreviveram ao genocídio e etnocídio realizado por eles, extinguindo civilizações indígenas inteiras, silenciadas em sua cultura, língua, tradições e crenças.

Cascudo em *Geografia dos Mitos Brasileiros* (2002, p. 54) destaca que essa migração das narrativas teve por melhor condutor o mestiço, este não sendo definido por sua acepção ética, mas colocado como filho de pais de raças diferentes, o “Mestiço é o ‘misturado’”, e ele sendo sempre aquele que emigra, e está sempre em posição de irradiar, com sua flexibilidade verbal, tudo o que acredita, pensa e crê, e o Brasil acabou sendo construído por esses diversos homens, advindos de muitos povos e nações, e com esse multiculturalismo, originou-se um povo bem heterogêneo, diferenciando-se de muitas nações. Mais importante, ainda, é apontar que temos nesse país uma cultura popular com um rico folclore com variadas narrativas, caracterizado pela diversidade de culturas de vários povos que forma essa nação. As narrativas orais, em especial as lendas, advindas dessa junção de culturas, que construíram a cultura popular brasileira, fizeram surgir novas narrativas, variantes das que já eram contadas em outros lugares, já que as histórias orais se modificam, reinterpretam-se, por isso a cultura popular se torna um ponto importante a ser estudado para se conhecer uma sociedade, um povo, uma nação.

Essas narrativas universais, aqui se falando das lendas, chegaram a todos os lugares, com ou sem alterações. Antônio Henrique Weitzel (1995) define a lenda, inserindo-a na classificação de folclore narrativo, enquadrando-a em narrativas populares. A lenda para o autor é colocada como:

Lenda (de “legenda”, do verbo latino “légere” ler) era o nome dado antigamente a uma narrativa sobre a vida de santos e mártires, para ser lida nos refeitórios dos conventos (ao mesmo tempo que o corpo se nutria, a alma também se alimentava com os edificantes exemplos tirados da vida dos santos do dia), passando depois a se aplicar a todo relato maravilhoso. Isso não quer dizer que a lenda só apareceu com o cristianismo. De tempos imemoriais, povos primitivos criaram relatos fantásticos, seja de acontecimentos verdadeiros em sua origem ou tidos como tais, sejam de personagens que possam ter existido, embora a imaginação popular tenha desfigurado seus feitos com caracteres maravilhosos, que se transmitiram de geração a geração, seja mesmo da sedimentação em uma só figura de fatos históricos de todo um povo, os quais são falsamente atribuídos a esse único personagem. A lenda é a mãe da história, pois que esta, em seus primórdios, nada mais foi que uma sucessão de lendas passadas oralmente de uma geração a outra, enriquecidas constantemente pela fantasia popular. Assim, a separação do lendário do histórico foi sempre penosa para a crítica histórica. Foi o que fez Heródoto, ao escrever a sua “História”, escolhendo os relatos que lhe pareceram verossímeis e abandonando-os com pouca aparência de verdadeiros. (WEITZEL, 1995, p. 30-31)

Com a dominação do continente americano além dessas histórias, outras também se espalharam, como foi o caso da narrativa mexicana *La Malinche* no papel de *La Llorona*, em que encontramos essas semelhanças com a índia Jaíra, de Cascudo (2003), em a Lenda de Itararé, havendo pequenas ou grandes mutações, pois à medida que a cultura sofre influências diversas, muda-se a forma de pensar, de agir, de contar, ocorrendo também transformações das lendas. E essas narrativas costumam percorrer e viajar por distâncias gigantescas do imaginário humano de forma oral, de boca em boca, de geração para geração. Segundo Bachelard (2008, p. 15):

Para poder falar com competência do imaginário não se deve confiar nas exiguidades e nos caprichos de sua própria imaginação, mas possuir um repertório quase exaustivo do imaginário normal e patológico em todas as camadas culturais que nos propõem a história, as mitologias, a etnologia, a linguística e as literaturas.

Quando nos aprofundamos em algumas leituras sobre as narrativas mexicanas e brasileiras, vemos o quão conectadas elas podem estar, e tão complexo quanto definir as narrativas orais, é conseguir definir essa fronteira que as une ou as separa. Esse conceito pode ser analisado por diferentes perspectivas: política, cultural, geográfica. Podemos compreender por fronteira com um lugar de cultura plural e apesar de estarem mais separados geograficamente, a miscigenação e os caminhos percorridos por aqueles que cruzaram o continente ajudaram a fazer esse intercâmbio nas narrativas.

As lendas brasileiras são numerosas e estão repletas desses intercâmbios, foram influenciadas diretamente pela mestiçagem na origem de seu povo. Deve-se levar em conta que uma lenda não significa uma mentira, nem tão pouco uma verdade absoluta. O que se deve considerar é que uma história para ser formulada, protegida e o mais importante, ter sobrevivido na memória das pessoas, ela deve ter pelo menos uma ínfima parcela de fatos verídicos.

De acordo com Lopes (2008) as lendas abrangem um elemento de emergência na direção de urgência, ao se descrever um problema social que precisa de atenção urgente da comunidade. As lendas vão sofrendo releituras rapidamente, que as modificam ou mesmo outras novas vão surgindo e lhe roubando a atenção, deve-se combater então uma postura simplista de alguns pesquisadores ou de até folcloristas que, ao decretarem de antemão a falsidade das histórias, ignoram aspectos complexos do contexto sócio histórico em que elas se inserem, pois se sabe que as lendas em muitos povos são os livros na memória dos mais sábios, constitutivas de sua cultura e se configuram a partir do enfoque regional, isto é, o estabelecimento em espaço determinado.

LA LLORONA HISTÓRICA COMO LA MALINCHE

De acordo com as buscas de Montandon (2007) e pelos relatos de Esquivel (2008) *Malinche*, na realidade *Malinalli*, foi uma índia que nasceu como nobre, mas com a morte de seu pai, e com o novo casamento de sua mãe, foi deixada de lado, e o que aprendeu foi porque sua avó paterna tomou para si sua criação. Com a morte de sua avó, sua mãe e o novo marido fizeram dela como uma moeda de troca, entregaram-na como escrava para outro povo. Cada vez que se tornava escrava de um povo diferente aprendia a língua de sua nova casa e com a chegada dos europeus ao continente, Hernán

Cortés, o desbravador espanhol, logo viu que ela poderia ser de grande ajuda na comunicação com os nativos.

Ainda de acordo com as autoras, *Malinalli* logo foi batizada e passou a ser chamada de Doña Marina, mas era conhecida por “*la lengua*”, pois através dela Cortés conseguiu fazer muitos acordos com os nativos, foi mediadora, conselheira e professora do conquistador. Na Figura 1 ela pode ser vista ao lado de Cortés que está sentado recebendo alguns presentes dos indígenas e nessa “nova” vida, ainda que tivesse certa liberdade pela sua importância e privilégios, era considerada uma escrava. Sua liberdade foi prometida caso ela servisse com o seu trabalho de tradutora, com isso, Cortés devastou a região que hoje é o México. Os nativos acreditaram que Cortés, na verdade, seria o mítico retorno do deus *Quetzalcóatl*, por isso, no início não resistiram tanto.

Malinche foi o nome dado pelos indígenas a Cortés pela proximidade com *Malinalli*, esse intenso convívio fez com que eles tivessem um caso, no qual nasceu o primeiro “mestiço”, Martín Cortés, que foi enviado à Europa para receber educação adequada. Cortés nunca pretendeu contrair matrimônio com uma indígena, abandonando-a, antes de vir para as Américas já estava noivo de uma dama da sociedade espanhola e mesmo depois de viúvo não a quis. Mas antes de abandoná-la, “arranjou” um casamento com um de seus subordinados, Juan de Jaramillo. Mesmo depois de casada, teve ainda que servir de intérprete para Cortés.



Figura 1: Malinalli en los lienzos de Tlaxcala
Fonte: Disponível em: <encurtador.com.br/fACS6>

Por ter “servido” aos colonizadores *Malinche* é tida por traidora, por ter abandonado a sua pátria, por ter traído seu povo, mulher desprezada e desprezível, uma mulher que foi usada e abusada pelos homens e depois descartada como inútil. Parece não haver dúvida para os mexicanos da lealdade inabalável de *Malinalli* a Cortés e aos

espanhóis, sob seu comando. Longe de tentar escapar deles, já que teve muitas oportunidades, ela foi creditada pelos cronistas europeus por tomar a iniciativa de descobrir conspirações contra os espanhóis e alertá-los dos ataques dos índios. Segundo a narrativa da conquista do território mexicano, ela optou por não aproveitar a oportunidade de mudar de lado no conflito e ajudar os povos indígenas a derrotar os espanhóis, o que deu origem ao conceito de *malinchismo* no México, a traição da própria identidade nativa através da paixão pelo novo e pelo estrangeiro, pode-se ver na Figura 2 o sofrimento dos indígenas com doenças e massacres físicos enquanto *Malinalli* parece alheia a essas questões que aflige seu povo.

Depois que o México se separou da Espanha, no início de 1800, seu papel como a grande conquistadora que levou a iluminação e a salvação cristã aos pagãos, foi trocado pelo de "amante de Cortés", uma mulher que usou sua sexualidade para alcançar seus próprios fins. Em última análise, essa identidade como *La Malinche* se fundindo com a de *La Llorona*, ficou conhecida por ser uma mulher fantasmagórica, vista ao anoitecer, que atrai homens com sua beleza e os mata. Escutam-se seus lamentos pelos filhos, cuja morte ela mesma foi cúmplice. Esses filhos seriam a representação de todos os indígenas aniquilados pela chegada dos colonizadores. Ao chegar nesse ponto, é necessário considerar que na maioria das possibilidades de representação de *La Llorona* vigentes tem-se como destaque a Conquista o México.

A visão dos românticos da época diferenciava os protagonistas entre heróis e vilões na história gloriosa de um povo, foi aí que se deu lugar a *Malinche* como uma vilã, a mãe do novo mundo que entregou seus filhos à morte em contraposição à figura de Guadalupe, a mãe boa e protetora. Em um relato de Sandra Molina (2008) se sentenciar:

Marina soube aproveitar suas habilidades de intérprete para garantir sua posição junto aos conquistadores e deixou passar as oportunidades que se apresentaram para traí-los. Sem dúvida, o fato mais representativo de sua lealdade incondicional é que ele poderia ter ocultado que os espanhóis seriam emboscados, mas não hesitou em informar Cortés. Assim, o que poderia ter sido um massacre de estrangeiros se tornou o atroz massacre de Cholula, no qual espanhóis, totonacas e tlaxcaltecas assassinaram milhares de colultecas em uma única noite (p.40, tradução nossa)³.

³Marina supo aprovechar sus facultades de intérprete para asegurar su posición con los conquistadores y dejó pasar las oportunidades que se le presentaron para traicionarlos. Sin duda, el hecho más



Figura 2: La Malinche de Diego Rivera
Fonte: Disponível em: <encurtador.com.br/hzZ01>

Não foram poucos estudiosos e escritores que relacionaram *Malinche* a *La Llorona* e, por sua vez, com o mito clássico de Medéia. Um dos percussores dos estudos de *La Llorona* associado a *Malinche* foi Ignacio Manuel Altamirano, em que as assimilam por conta da traição e ingratidão, uma culpa, que acabou se alastrando para o coletivo e nacional, ligando-se à Medéia. Este autor pretendeu fazer parte de um projeto nacionalista mexicano, que fez com que ele buscasse uma equiparação literária entre essas mulheres, que tinham nas mãos a traição e a morte de seus filhos. Mesmo que *Malinche* não tenha matado diretamente seus filhos, ela “matou” indiretamente toda uma nação. Mas o tema traição é o que permaneceu no imaginário nacional e mundial, e por isso para muitos, *Malinche* seria *La Llorona*, uma mulher desgraçada, traidora, que está condenada, e que por isso vagará pela eternidade por seu pecado em busca de redenção.

Sobre essa culpa atribuída a *Malinche* ou a toda uma nação, Laura Esquivel em uma entrevista para uma revista argentina, em 2012, mostra sua percepção, ao estudar o personagem *La Malinche*:

representativo de su lealtad incondicional fue que pudo haber ocultado que los españoles serían emboscados, pero no dudó en informar a Cortés. Así, lo que pudo ser una masacre de extranjeros se convirtió en la atroz matanza de Cholula, en la que españoles, totonacas y tlaxcaltecas asesinaron en una sola noche a miles de cholultecas (MOLINA, 2008, p. 40)

[...] ela era uma mulher muito inteligente que falava nahuatl e maia, e aprendeu espanhol rapidamente, e você não sabe como eu a admiro, porque tanto o maia quanto o nahuatl são cheios de poesia, são muito simbólicos, deve ter sido extremamente difícil de traduzir o fez de maneira maravilhosa. E também sempre acham que ela era uma traidora, tu para trair alguém tens que fazer parte de ..., ela não era mexica, ela morava em um lugar onde o império asteca havia subjugado todos aqueles habitantes, onde se pedia uma impressionante quantidade de tributos, ela deve ter ficado cansada disso e ela deve ter querido uma mudança também. [...] foi muito importante escrever 'Malinche' porque descobri tudo o que ignorava sobre a história do meu país. É uma análise do papel dessa mulher como ser humano e sua relação com sua herança cultural. [...] (ESQUIVEL, 2012, p.10-11, tradução nossa)⁴

Por muito tempo esse nome foi usado de maneira depreciativa para os mexicanos que renegam sua origem e valorizam o estrangeiro, mas a autora indaga que Malinche não tinha por quê ser leal a um império que tinha a todos subjugados, que não respeitava seus direitos.

A LENDA DE ITARARÉ

O rio de Itararé cenário principal do clímax da história a ser relatada, marco divisório entre os Estados de São Paulo e Paraná, que em tupi-guarani significa “pedra que o rio cavou”, encanta os visitantes por sua beleza, lendas e crenças. De acordo com o Circuito SESC de artes de São Paulo que percorre 121 municípios do estado, afirma que o encanto do rio se dá por ele se estreitar para seguir seu curso entre as fendas da gruta e ao percorrer as trilhas percebe-se o “choro das pedras” - uma nascente de água entre os paredões rochosos.

A lenda de Itararé é umas das mais conhecidas na região do município de Itararé e de seu rio. Está presente na obra *Lendas Brasileiras* (2003) de Câmara Cascudo,

⁴ [...] ella era una mujer muy inteligente que hablaba náhuatl y maya, y rápido aprende el español, y no saben ustedes cómo la admiro, porque tanto el maya como el náhuatl están llenos de poesía, son muy simbólicos, ha de haber sido difícilísimo traducir, y lo hizo de maravilla. Y además siempre piensan que era traidora, tú para traicionar a alguien tienes que ser parte de... ella no era mexica, ella vivía en un lugar donde el imperio azteca los tenía sojuzgados a todos esos habitantes, donde le pedían una cantidad impresionante de tributos, ella tiene que estado harta de eso y tiene que haber deseado un cambio también. [...] Ha sido muy importante escribir 'Malinche' porque he descubierto todo lo que ignoraba de la historia de mi país. Es un análisis de la función de esta mujer como ser humano y de su relación con su herencia cultural.[...] (ESQUIVEL, 2012, p.10-11).

identificando os elementos semelhantes, ideológicos, moralizantes e de formação da conduta social, na qual se nota uma narrativa que gira em torno da mulher indígena como ruína do homem e de um povo, um discurso da perdição pela beleza feminina, do fruto proibido, uma mulher com uma fragilidade no caráter e irracional, características misógenas que foram atribuídas ao feminino, que a levam a ser amaldiçoada.

A lenda conta sobre a índia Jaíra, a mais bela mulher de uma tribo, que é sequestrada por homens brancos em um dos ataques ao grupo indígena, quando tentavam escapar dos brancos invasores. O chefe dos homens brancos, Tenente Antônio de Sá, apaixonou-se por Jaíra, mas nunca poderia contrair matrimônio, pois já era casado com uma mulher branca da sociedade. Sua tribo faz um plano de resgate junto com outras nações indígenas. A mais anciã da tribo preparou um veneno, chamado de *curare* ou *uirari*, ao final do processo, a velha caiu morta ao aspirar os vapores da porção, só assim saberiam que estava pronto. Os índios banharam suas flechas com o *curare* para irem a guerra, mas antes disso um velho aconselhou os pajés de que se enfrentassem os homens brancos, que tinham armas de fogo, com flechas só poderiam esperar pela morte.

Bolaram um plano de se infiltrarem na aldeia e pediram a ajuda de Jaíra para envenenar os brancos, porém a índia se recusa a executar o plano, porque acaba se apaixonando pelo Tenente do grupo do exército; o que provoca a ruína dela, tornando-a uma traidora de sua tribo, pois são traídos pela sua irmã índia que os abandonam a mercê da maldade dos homens brancos. A esposa de Antônio de Sá, ao descobrir tudo sobre o romance de seu esposo com a índia, vai ao acampamento dos homens brancos, de encontro a seu marido, ali ocorre uma grande discussão entre os dois.

Jaíra desgostosa com tudo propõe uma fuga para seu amado, que o esperaria à beira do rio Itararé, à noite e disse “- Quando a lua for descendo pelos morros azuis eu cantarei três vezes como a araponga branca, e, se você não comparecer ao lugar da espera, ligarei os pés com um cipó e me atirarei ao rio” (CASCUDO, 2003, p.95). Assim o fez, mas ninguém apareceu ao seu encontro. Nesta noite uma tempestade súbita castigou aquela região, matando muitos animais. Ao amanhecer Antônio de Sá foi ao encontro no lugar indicado por Jaíra, chegando lá encontra apenas suas roupas com

flores de maracujá do mato, ao ver essa cena entra em desespero e se lança a corrente do rio e não veio mais a terra.

Ao saber do acontecido a esposa de Sá vai ao local onde seu marido, desaparecera. Na realidade ele acabou cometendo suicídio por conta de outra mulher, e amaldiçoa o lugar em que sucumbira seu esposo, cuspiendo três vezes no rio. “Então as águas cavaram o solo e se esconderam no fundo da terra, os peixes ficaram cegos, a mata fanou-se e morreu!...” (CASCUDO, 2003, p.96). No texto, não fica claro se é consequência da maldição da mulher branca, porém conta-se que Jaíra era vista pelos arredores, vestida de branco, usando uma grinalda de flores de maracujá, e atraía viajantes para matá-los e, com seu sangue, tenta ressuscitar o homem que se matou por ela. Recentemente afirmam que essa penitência já acabou e que as águas do rio um dia voltará ao normal.

Essa versão brasileira de Cascudo (2003) é muito próxima de *La Llorona* no papel de *La Malinche*. Muitos desses pontos fazem essa conexão, como o amor, a paixão, o feminino invadido, conflito entre índios e os homens brancos, morte. Com a temática da maldição e de um fantasma de branco conectam-se todas as versões de *La Llorona*. A violência contra as mulheres é muito comum nas lendas, sejam elas locais, nacionais ou mesmo universais, pois esse tipo de narrativa, por muitas vezes traziam o caos anterior à ordem do mundo, descrevendo o lado negativo. Tanto *La Llorona/Malinche* quanto Jaíra são colocadas como uma figura de desordem, uma figura dialética na concepção da mulher, representando vida e morte.

A apropriação figura da mulher indígena é vista como objeto de satisfação sexual pelo homem branco/colonizador tanto na versão de *La Llorona* enquanto *Malinche* como em Cascudo com a índia Jaíra, o homem branco se acha no direito de tomar para si um ser humano como se fosse um dono. Jaíra ao ser sequestrada pelos homens brancos lhe é tomado o direito de ir e vir e fica presa como um bicho, assim como *Malinche* quando a entregam a Cortés como presente. O ver Jaíra assim como *Malinche* nota-se uma tentativa de romantização da relação da mulher indígena com o homem branco, mas fica muito mais claro o status social das mulheres indígenas na sociedade colonial, marcado pela subalternidade e a violência, além da constituição da figura genérica da índia reduzida a sua sexualidade, fruto do discurso do colonizador.

O feminino na lenda de itararé é colocado como a ruína de um homem. Quando se olha para todas as narrativas trabalhadas nesse texto, percebe-se que as mulheres foram tratadas como perdição desse “homem bom e valoroso”. No caso do Tenente Antônio de Sá, ele tem por ruína duas mulheres, sua esposa e a índia Jaíra, as duas representam essa mesma ideologia. Jaíra, no decorrer da narrativa, traz esse discurso da perdição por conta da beleza feminina, ao se destacar que ela era “uma das mulheres mais formosas da tribo – Jaíra – caiu sob o poder do chefe do bando contrário, homem forte e valoroso” (CASCUDO, 2003, p. 93). Nota-se então essa ideia existente de que a mulher bonita, atraente, que é capaz de levantar o interesse dos homens chamando a atenção pela sua formosidade seria fonte de ruína e desgraça. As mulheres para não chamarem a atenção deveriam ser cobertas, por isso as roupas femininas por muitos séculos, desvalorizavam as formas femininas. Elas não podiam chamar a atenção e nem provocar os homens, deviam preservá-los das tentações do corpo feminino, que si gerados, era culpa somente das mulheres, devido aos seus desvios de condutas.

Essa culpa relacionada ao corpo feminino foi claramente atribuída a beleza da índia Jaíra, já que se não fosse isso, sua tribo teria conseguido fugir quando os homens brancos tentaram tomar o lugar em que eles viviam, mas tiveram que aguardar para resgatá-la. Essa ruína agora não foi atribuída não só a um homem, mas agora para toda uma tribo, todo o seu povo. Esse discurso nos leva a lembrar novamente da figura da *Malinche*, quando ela acaba ficando ao lado de Cortés, o colonizador, e por isso todo o seu povo acaba sofrendo. Ou mesmo a figura da Eva, que ao comer o fruto proibido, desobedecendo uma ordem do Senhor, o castigo acaba se estendendo a toda a humanidade. Ao se ter contato com a lenda de Itararé vemos mais uma história de um ser feminino capaz de devastar toda uma nação, já que esse discurso se reforça quando fazem um plano de resgate da índia Jaíra e ela acaba por não segui-lo, já que acaba se apaixonando pelo homem branco que a sequestrou “(...) é que o chefe se apaixonara pela linda bugra, e Jaíra também se apaixonara pelo moço, de modo que o guerreiro enviado regressou sem nada haver conseguido” (CASCUDO, 2003, p. 95).

Ao fazermos relação de Jaíra com *La Llorona/Malinche* aqui apresentadas, e ao próprio discurso de Eva, em que mostram essa fragilidade do caráter feminino, mulheres que são incapazes de serem racionais, de abdicar de algo em prol de algo maior, de

apenas pensarem em si e naquilo que lhes dão prazer, seres egoístas. O ser feminino retratado como o proibido e imoral, destacando a fragilidade desse ser, que não tem capacidade de fugir da tentação do proibido, destacado quando se descobre que o tenente por quem a índia Jaíra se apaixona é casado. Se atentarmos bem para esse tipo de discurso, desses atributos relacionados aos comportamentos “inatos” do feminino, da falta de moral, seres irracionais, nada mais é do que uma ideologia misógina, ao atribuir uma culpa para a mulher, como se o homem fosse um ser indefeso. A culpa foi de Jaíra que não se afastou do homem casado, que a sequestrou, por ela ser formosa, com o desejo sentido por ele de a possuir. A mulher dentro da sociedade era vista como alguém que não podia controlar os seus sentimentos nem a sua sexualidade.

No decorrer da leitura da lenda de Itararé, além de Jaíra, nota-se a presença de outro personagem feminino, a esposa do Tenente, o amante da índia. Essa mulher, pertencente a sociedade, e por questões ideológicas, é colocada com vítima, não possuía as mesmas atribuições e carga negativa postas em Jaíra. Também é colocado nessa esposa um traço de vilã, já que ela ao chegar na vila impede o romance entre seu esposo e a índia, o que acaba acarretando em toda a tragédia da lenda. O personagem da esposa ganha um traço de mau, um caráter maligno, quando amaldiçoa o lugar que morrera seu marido e Jaíra. Uma mulher que se mostra desolada e inconformada com a traição. Esse ponto do não aceitar o adultério vai em contra o comportamento da época em que existia um discurso machista ao defender um conformismo por parte da traição dos homens casados. Percebe-se esse inconformismo da esposa no trecho em que ela lança a maldição:

A senhora branca soube do ocorrido, dirigiu-se a cavalo ao rio, onde só viu a roupa de Jaíra e o lugar em que sucumbira o esposo, e em pranto, a vociferar, amaldiçoou o rio em que cuspiu três vezes. Então as águas cavaram o solo e se esconderam no fundo da terra, os peixes ficaram cegos, a mata fanou-se e morreu! [...] (CASCUDO, 2003, p. 96).

Não só a esposa pode ser colocada como uma vilã, Jaíra também absorve esse papel, como uma representação do perigo feminino, quando vemos através do olhar misógino, pois foi ela a “causadora” da morte de um rapaz “forte e valoroso”, já que ele a segue em seu destino mortal, alterando não só o destino desse homem, mas também de todos os seus comandados, já que ele era um líder do exército. A índia é a representação

dessa fragilidade feminina, ao sucumbir a um amor descomunal, mostrando que o comportamento feminino é passional e irracional. O masculino nessas narrativas, mesmo tendo culpa de seus atos, é tratado como racional, ele apenas foi levado pela malícia feminina. O tenente é culpado pelos acontecimentos, mas a narrativa lhe tira essa culpa quando se diz que “à noite, ouviu-se três vezes o canto da araponga branca, mas o chefe dos brancos não foi procurar Jaíra” (CASCUDO, 2003, p. 95), apontando que ele não foi ao encontro de Jaíra, como combinado, ele hesita em ir, o que demonstra a racionalidade do homem. Mas em um determinado momento ele se arrepende e segue suas emoções, mas já era tarde demais, Jaíra já tinha tirado a sua própria vida no rio.

O tenente em um momento de arrependimento e paixão, típico dos homens seduzidos, acaba entrando no rio em busca da sua amante, e assim também ele morre, mas nesse acontecimento da história o homem é poupado novamente, já que é a alma de Jaíra que é castigada por vagar, apesar dos dois terem cometido suicídio, é ela que é condenada, com a missão de trazer o seu amado de volta vida. Percebe-se o ataque ao feminino quando colocam Jaíra como responsável pela morte desse homem valoroso:

Contam que quem descia, de noite, à gruta de Itararé veria Jaíra, vestida de branco, com a grinalda de flores de maracujá, tendo ao colo o corpo do moço que morrera por ela. Às vezes, a sua sombra vinha à beira da estrada, matava os viajantes, tirava-lhes o sangue e com ele ia ver se reanimava o seu morto querido (CASCUDO, 2003, p. 96).

Essas teorias misóginas, de medo a mulher se encontra na maioria das civilizações e é alimentado nas doutrinas cristãs. Pode se perceber que esses homens “fortes e valorosos”, pertencentes a sociedade, membros do exército no Brasil, vítimas desse feminino integram essa sociedade cristã ocidental. Jaíra foi o desvio do Tenente, aquela que lhe mostrou o fruto proibido. Outro ponto que chama a atenção e que destaca o machismo dentro da lenda de Itararé e a supremacia do homem também dentro da tribo, é durante o processo de preparo do *curaré*, o veneno que seria colocado nas flechas, no resgate de Jaíra. Quem prepara é a anciã da tribo, pois no preparo, a responsável cairia morta como prova da funcionalidade da fórmula, ou seja, e mulher idosa é colocada como descartável, com pouco valor social, a posição do sacrifício era destinada a elas, já o homem idoso era visto como os grandes pajés, guerreiros, homens de grande sabedoria que deviam ser preservados. As mulheres idosas da tribo não

poderiam ser equiparadas aos homens idosos, talvez porque elas não detinham a mesma importância dos velhos guerreiros, e por isso eram sujeitas ao sacrifício.

Os homens eram indivíduos porque eram capazes de transcender o sexo; as mulheres não poderiam deixar de serem mulheres e, assim, nunca poderiam alcançar o status de indivíduo. Não tendo semelhança com os homens, elas não poderiam ser consideradas iguais a eles e assim não poderiam ser cidadãs. (...) nesses argumentos a igualdade pertence a indivíduos e a exclusão a grupos; era pelo fato de pertencer a uma categoria de pessoas com características específicas que as mulheres não eram consideradas iguais aos homens. (SCOTT, 2005, p. 17)

Em toda a lenda de Itararé com Jaíra, assim como as narrativas destinadas a *La Llorona/Malinche*, vemos características negativas atribuídas ao feminino, seres irracionais, passionais, de uma moral fragilizada, mulheres reduzidas aos aspectos corporais aparentes. Mulheres que trouxeram desgraças para os homens, responsáveis pelos pensamentos impuros, eram um grande “perigo” para esses homens “valorosos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas e suas (re)leituras fazem parte da cultura e da diversidade humana, pois fazem parte da raiz das nações, já que o ato de contar, da oralidade que essas histórias se organizam, fazem parte das tradições presentes nessas comunidades. A tradição oral não obedece a temporalidades formais nem a técnicas ou mesmo cânones, como os que dominam o meio literário, além de ser atemporal e auto reguladora, pertencendo a memória individual e coletiva, e seu controle atua em função daquilo que as pessoas creem e têm fé, sendo certo ou errado. Olhar para trás, lembrar, é, quase sempre, converter a memória individual na memória coletiva, convocar o eventos históricos, comunitários e gerais que afetou cada vida particular, para fixá-los em um narração, seja oral, escrita ou visual. Essa memória coletiva concilia esse repertório de ideias privilegiadas e permite sua transmissão de uma pessoa para outra, e de uma geração para outra, gerando assim o conceito de tradição e costume, que mesmo sendo eixos diferentes, confluem os fenômenos de conservação e mudança que eles condicionam o desenvolvimento de qualquer cultura e na formação da identidade de um povo.

La Llorona/Malinche representa essa memória individual e coletiva, trazendo esse imaginário de uma imagem feminina atendendo à concepção da mulher como depósito ambivalente de criação e destruição, vida e morte. E como essas figuras andaram por grandes territórios incidindo no imaginário ocidental, mostrando uma imagem feminina macabra como instrumento de controle e poder. E esse poder por muitas vezes foi construído por meio do temor masculino, um sério medo dos homens da função biológica geradora da mulher, esse poder gerador marca a origem histórica do controle masculino sobre as mulheres. O medo, o poder e o controle fazem parte de construções sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CASCUDO, L. C. **Geografia do Mitos Brasileiros**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

CASCUDO, L. C. **Lendas Brasileiras**. 3 ed. São Paulo: Global Editora, 2003.

ESQUIVEL, L. **Malinche**. New York: Atria Books. 2008.

ESQUIVEL, L. La educación solo es posible a través del arte. [Entrevista concedida a] Sonia Peña e Mario Eraso. **Cuadernos del CILHA**, vol. 13, núm. 17. Universidad Nacional de Cuyo. Mendoza, Argentina. 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1817/181725277013.pdf>> Acesso: 03 fev. 2021.

LOPES, R. L. Em Busca do Gênero Lenda Urbana . **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, v. 8, n. 2, p. 373-393, maio/ago. 2008.

MOLINA, S. **Ciento un villanos en la historia de México**. Grijalbo Mondadori. 2008.

MONTANDON, R. M. S. **LA LLORONA**: mito e poder no México. 2007. 329 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2007.

SCOTT, J. W. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 13(1), n. 216, jan./abr., 2005.

WEITZEL, A. H. **Folclore literário e linguístico**. Juiz de Fora: Ed. da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1995